

Universidade e Cidade: O Processo de Integração da Universidade Latino-Americana no Território de Fronteira

IVOR PROLO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO (UNEMAT)

MANOLITA CORREIA LIMA

ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING (ESPM)

Agradecimento à orgão de fomento:
CAPES e CNPq

Universidade e Cidade: O Processo de Integração da Universidade Latino-Americana no Território de Fronteira

1. Introdução

Nos países europeus, as universidades se desenvolveram em imponentes prédios históricos de cidades com grande capacidade de atração (PINTO; BUFFA, 2009). Essa leitura não é consensual entre os acadêmicos, Mahler (2015), por exemplo, argumenta desde a sua gênese, a distância que separava a Universidade da cidade era reconhecida como fundamental, uma vez que o distanciamento favorecia o recolhimento e a concentração necessários aos estudos, auxiliando a preservação da introspecção dos estudiosos a consolidação da autonomia das *universitas*. Apesar de reconhecer que essa distância dificultava o acesso dos interessados e justificava a metáfora “torre de marfim” que a instituição ganhou com o tempo.

Nos Estados Unidos, as universidades são um empreendimento mais recente (1676), quando se leva em conta a data de criação da universidade na Europa Ocidental (1088). Apesar de academicamente inspirada em algumas universidades europeias, as instalações universitárias estadunidenses foram construídas em amplos espaços afastados da cidade – “*campus* universitário”. Havia a compreensão de que ao afastar as universidades das cidades seria possível neutralizar as influências mundanas que poderiam comprometer a concentração dos estudantes e a integral dedicação aos estudos (BUFFA; PINTO, 2016).

A relação universidade e cidade, entretanto, parece não se limitar aos tempos iniciais de tais instituições. Ainda hoje, os *campi* universitários reproduzem uma cidade. Não é sem razão que costumam receber a nomeação de cidades universitárias e serem geridos por um prefeito. Em termos de instalações, além de responder às exigências requeridas pelo trabalho acadêmico, dispõem de importante infraestrutura, envolvendo alojamentos de professores e estudantes; restaurantes, lanchonetes e cafeterias; praças, jardins, livrarias, museus, teatros e centro olímpico; hospital universitário, agências bancárias e lavanderias etc.

No Brasil, as primeiras universidades são criadas nas décadas de 1920 e 1930, fortemente influenciadas pela cultura universitária europeia e estadunidense. Assim sendo, há universidades fundadas no centro da cidade e universidades localizada nos arredores dos centros urbanos, o que nos termos de Mahler (2015), corresponde à constituição de “universidades antiurbanas”. As razões que justificaram esse arranjo transitaram entre escolhas econômicas e políticas: por um lado, seus edifícios têm ocupado espaços situados em regiões periféricas ao centro urbano, onde se encontram terrenos em abundância e o valor comercial é modesto, por outro, acreditava-se que retirando os estudantes dos centros urbanos, reduzir-se o impacto de eventuais movimentos estudantis (PINTO; BUFFA, 2009).

Apesar de manterem os *campi* afastados dos centros urbanos, as universidades brasileiras bem como sua população universitária, depende de produtos e de serviços oferecidos pela cidade: alimentação, moradia, transporte público, saúde, atividades culturais e esportivas, entre outras. Com tal dependência, os centros urbanos findam por se beneficiar das universidades, na medida em que elas contribuem para a elevação da qualidade da formação de jovens e adultos, para a promoção da cultura, para a geração de conhecimentos, para a dinamização dos setores produtivo e comercial etc., resultando em desenvolvimentos cultural, social e econômico para cidade.

Assim sendo, existe potencial para se construir uma relação virtuosa entre o *campus* e a cidade. Dependendo das bases que sustentam tal edificação, ela pode ser truncada ou sinérgica. Costa (2003) adverte que se trata de um processo complexo, uma vez que tanto a Universidade quanto a cidade usufruem de alguma autonomia e alguns privilégios, e, recorrentemente, eles não

convergem, tampouco, ajudam a aproximar os interesses envolvidos. O autor conclui seu raciocínio afirmando que “não há nada a fazer enquanto uma realidade e outra não forem uma só” (COSTA, 2003, p. 210). Frente ao exposto, caberia questionar se as cidades efetivamente desejam acolher as universidades. Em caso positivo, seria imprescindível pensar sobre o que elas esperam dessas instituições e em que medida influem sobre os rumos delas. Além disso, caberia questionar se as universidades, uma vez criadas, assumem compromisso com seu projeto fundador ou se ajustam aos interesses das cidades que as acolhem. Para discutir as referidas problemáticas, no presente estudo, toma-se o caso da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

A Unila foi criada em 2010, momento em que o governo federal brasileiro imprimia centralidade às relações Sul-Sul, particularmente ao fortalecimento das relações entre o Brasil e demais países latino-americanos. A opção de implantar a UNILA em Foz do Iguaçu se deveu à combinação de alguns fatores:

- Foz do Iguaçu faz fronteira com dois países (Argentina e Paraguai), isso favorece a aproximação política entre os governos nacionais sediados em Brasília, Buenos Aires e Assunção e a promoção da integração regional (MENEZES, 2008);
- A cidade paranaense apresenta diversificadas formações étnica e sociocultural, evidenciadas pela presença de mais de 82 nacionalidades (CHIBIAQUI, 2016). O ecletismo aludido facilitaria a integração dos moradores da cidade com os acadêmicos forâneos;
- A cidade sede da UNILA promove um turismo reconhecidamente profissionalizado, capaz de atrair elevado contingente de turistas nacionais e internacionais (CONTE, 2013), o que em tese, ajudaria a imprimir um caráter cosmopolita à localidade e, por conseguinte, facilitaria a aceitação da universidade;
- A universidade reforçaria o trabalho realizado pela Itaipu Binacional e pelo Parque Tecnológico Itaipu (PTI)¹ e contribuiria para a cidade ser reconhecida como um polo tecnológico.

Complementarmente, é impossível desconsiderar, também, que Foz do Iguaçu enfrenta desafios inerentes a uma cidade de fronteira, sensível à emergência de atividades ilegais e particularmente militarizada. Preservar a segurança nacional e a alfandegaria requer aparatos de controle e constante vigilância. A presença de uma universidade pública federal tende a atrair jovens movidos por projetos de formação que podem se desdobrar em projetos profissionais e de pesquisa capazes de envolver distintos países, ajudando a distensionar as relações entre as autoridades responsáveis pela segurança pública e as pessoas que vivem e circulam na cidade. Os elementos expostos colaboraram com a escolha de Foz do Iguaçu como a cidade sede da Unila, uma universidade que tem a missão de colaborar para a promoção da integração regional (UNILA, 2012; 2013).

Apesar de se tratar de uma universidade jovem (em 2019 completou nove anos de existência), em processo de expansão e consolidação, pretende-se investigar quais são as identidades compartilhadas e as relações de pertencimentos construídas pelos segmentos internos (estudantes, professores, técnicos-educacionais e gestores) a partir dos espaços físicos utilizados pela universidade e o modo pelo qual a universidade vem se integrando à cidade. Para tanto, investir-se-á em uma pesquisa de mapeamento das formas de integração que a Unila e a cidade de Foz do Iguaçu estão nutrindo, ou seja, as formas de integração que a população universitária e a população iguaçuense têm alicerçado, considerando particularmente as identidades compartilhadas e as relações de pertencimento em construção, na perspectiva dos atores internos à Universidade. Levando em conta que se trata de uma instituição cujo número de estudantes e professores, técnicos-educacionais e gestores forâneos não é pequeno, a

discussão se torna ainda mais instigante pelo do universo transnacional, multicultural, de diversidade e de heterogeneidade existente no interior da instituição.

A pesquisa se orientará pela abordagem qualitativa (GIOIA; CORLEY; HAMILTON, 2012; STAKE, 2016). Coerente com essa escolha, pactuar-se-ão diferentes fontes de consulta, oriundas de pesquisas bibliográficas, documentais e de campo, cuja referência cronológica compreende o intervalo de tempo entre 2010 a 2017. As lentes teóricas que contribuirão para a elaboração dos instrumentos de coleta e que iluminarão o exercício de interpretação dos dados discutem território, *campus* universitário, identidade compartilhada e relações de pertencimento. O texto evolui da introdução para o referencial teórico; descrição das escolhas metodológicas; resultados e discussão; finalizando com as considerações finais e as referências consultadas.

2. Relações de pertencimento e segregação entre *campus* universitário e cidade

Os espaços em que as instituições universitárias se localizam são objeto de pesquisa desde o final do século XIX. Em tese, eles devem reunir características ajustadas à promoção do ensino e da pesquisa, além de favorecer a curiosidade e o pensamento. Mas frente à multiplicidade de funções atribuídas à universidade contemporânea (SANTOS, 2013), cada vez mais os espaços físicos das instituições ganham complexidade, exigem elevados investimentos para a construção de suas edificações e posterior manutenção. Ademais, a necessidade de espaços acadêmicos orientados para o ensino e a aprendizagem (salas de aula, laboratórios, bibliotecas *multi* midiáticas, incubadoras etc.), outras necessidades se impõem, a exemplo de serviços alimentícios, alojamento, transporte público, justificando o uso do termo cidade universitária.

A referência aos territórios universitários – sem nenhuma delimitação geográfica explícita ou recorte temporal – representa a concepção de território em rede (GODOI, 2017). Santos (1994) define território como um espaço geográfico (território usado) mediado entre o mundo e a sociedade, que pode ser organizado de maneira horizontal (reúne vizinhos lado a lado) e vertical (vizinhos distantes reunidos por formas e/ou processos sociais em formato de redes). A menção a território universitário como lugar, por sua vez, é evidenciada pela presença humana, ela materializa a existência de um cotidiano real ou possível que extrapola o conceito de extensão e limites territoriais. Nessa linha de pensamento, o autor (1994) define lugar como um território palpável em que as ações se territorializam, isto é, o território afirma-se a partir da ocorrência de atividades cotidianas, socialmente desenvolvidas.

O território universitário, entendido como lugar, ganha características íntimas, adquire feições e compreensões distintas, mas em consonância com a vivência de cada usuário. Para a comunidade acadêmica, tal reconhecimento ocorre quando as pessoas que lá convivem têm experiências íntimas, de sociabilidade ou ocorrem também quando as referidas experiências se tornam possíveis e extrapulam o mero aspecto físico do território. Esse território se torna um lugar a partir do momento em que o espaço é reconhecível pela sua própria comunidade (GODOI, 2017).

O território universitário possui extensão definida e senso específico de lugar, capaz de encorajar sinergicamente a interação entre as pessoas que compartilham o seu uso. As instalações das universidades europeias estão predominantemente situadas no centro urbano das cidades que as acolhem, a exemplo da *Università di Bologna*, *Université Panthéon-Sorbonne*, *Universidad de Salamanca* ou Universidade de Coimbra. Por um lado, nesses casos, há integração da universidade com a paisagem urbana pelas edificações, embora isso não signifique uma integração social. Por outro lado, pelo fato de se tratarem de universidades públicas, o acesso das pessoas às instalações é mais livre. Nesse contexto, as inter-relações podem ocorrer com mais fluidez, sobretudo quando comparadas ao que ocorre nos *campi*

estadunidenses, geograficamente isolados, assépticos, preservados e restritos ao uso da comunidade universitária (BUFFA; PINTO, 2016).

No Brasil, estejam eles localizados dentro ou fora do centro urbano, parece mais adequado nomear território universitário de *campus*. Em sua gênese, o *campus* tinha como objetivo a ocupação imediata de extensas áreas recém-colonizadas nos Estados Unidos, por isso se caracterizam pelos espaços abertos, a paisagem e as edificações dispostas entre extensos vazios (MAHLER, 2015). Entende-se por *campus* universitário um território definido e fechado, não necessariamente com barreiras físicas, composto por uma administração independente no estabelecimento de certos limites, normas, regras e padrões de conduta, com *status* privilegiado na oferta do ensino e da pesquisa (PINTO; BUFFA, 2009).

Difere de cidade universitária, designação que também corresponde a uma região delimitada, porém autônoma, governada com diretrizes acadêmicas próprias. Algumas, originalmente, construídas na periferia de grandes cidades, mas, com o desenvolvimento e expansão das cidades, elas passaram a fazer parte do centro urbano (BUFFA; PINTO, 2016; MOASSAB, 2011). A cidade universitária foi o propósito dos primeiros *campi* universitários brasileiros, construída à margem das cidades, seja por motivações econômicas ou interesses políticos. Mas ela nunca virou realidade no Brasil, nem mesmo em *campi* universitários maiores. Na Universidade de São Paulo (USP), por exemplo, os serviços oferecidos pela cidade universitária transitam entre limitados, deficientes e insuficientes para uma vida plena, se comparados com os de uma cidade convencional. Coerentemente, a expressão é pouco utilizada em território brasileiro.

Resultados de pesquisa conduzida por Pinto e Buffa (2009) apontam as razões que justificam a incapacidade de os *campi* brasileiros se auto sustentarem. Apesar de dependerem da infraestrutura disponível nas cidades onde estão situados, recorrentemente se fecham a ponto de não manterem relações imediatas e diretas com a infraestrutura urbana envolvente. Embora ofereçam alguns serviços (refeitórios, livrarias, postos bancários etc.) estão longe de suprir as necessidades da comunidade acadêmica que acolhe. Em poucos casos o *campus* universitário é “um novo território independente, calmo, agradável e completamente equipado para cumprir seus objetivos” (PINTO; BUFFA, 2009, p. 41).

Os conceitos de escola como *lugar* e escola como *território* também ajudarão a compreender o *campus* universitário. O *campus* universitário se transforma em lugar no momento em que é demarcado como tal, ou seja, quando se observa a existência de fragmentações, hábitos, simbolismos e regras disciplinares em seu interior. Para entender *campus* como território se consideram as realidades material e mental. A material leva em conta os fatores de influência e atração do *campus*, bem como as relações das partes edificadas ou não-edificadas do terreno, sua distribuição e utilização. A mental, por sua vez, as características estão atreladas à significância e relevância que os atores internos imprimem aos espaços físicos e ao esquecimento atribuído aos espaços não construídos. Assim como ao estabelecimento dos signos identitários que os espaços edificadas refletem sobre a ideia de que as pessoas concebem a universidade a partir de *campus* universitário (FRAGO, 1993-94).

Apesar de a universidade ser associada a uma casa do saber, ela respeita a liberdade de pensamento, promove a formação, fomenta a transformação de jovens e adultos pela educação, abre possibilidades de ascensão pelo conhecimento etc., o *campus* universitário também é palco de comportamentos que remetem ao assédio moral (violência física e ou psicológica), contra indivíduos ou grupos, reafirmando-se que a universidade, como instituição social, não é melhor ou pior do que as demais instituições que compõem o tecido social.

Buffa e Pinto (2016) afirmam que a distância entre os diversos setores do *campus* e entre esses e a cidade não é apenas física, mas cultural e simbólica. Inicia-se com as restrições de acesso e

permanência, apesar das políticas de inclusão adotadas pelos governos progressistas. Evolui com as dificuldades de acesso ao *campus*, uma vez que grande parte da comunidade acadêmica depende de transporte público. Os projetos de extensão têm alcance limitado, mas representam iniciativas importantes no esforço de a universidade cumprir a sua função social, associada à aprendizagem, à prestação de serviços e à inclusão de grupos desassistidos pelo serviço público. Ainda cabe considerar que, no ambiente acadêmico, a hierarquia de cursos se constitui como reflexo do prestígio social dado às profissões deles oriundas, conseqüentemente, evidencia-se que há grupos que gozam de mais reputação acadêmica, o que reforça o *status* social (BUFFA; PINTO, 2016). Por exemplo, a distância que separa professores e estudantes dos cursos de Medicina, Direito ou Engenharias, de acadêmicos dos cursos de Enfermagem, Pedagogia ou Contabilidade, por exemplo, é flagrante. Não é sem razão que, apesar de integrarem a mesma universidade, os edifícios e as instalações variam de acordo com o *status* conferido aos diferentes campos de conhecimento.

3. Escolhas metodológicas

A pesquisa cujos resultados estão consolidados no texto se orientam pela abordagem qualitativa (GIOIA et al., 2012; STAKE, 2016), foram combinados recursos típicos das pesquisas bibliográficas, documentais e de campo. Por se tratar de uma pesquisa de corte transversal, a pesquisa bibliográfica envolveu autores e textos de diferentes campos de conhecimento. A pesquisa documental contemplou atas de reuniões de conselhos superiores, relatórios de gestão, relatórios técnicos, anuários estatísticos assinados por agências oficiais, reportagens divulgadas na mídia impressa e digital, entre outras fontes de mesma estirpe. A pesquisa de campo, por sua vez, mobilizou recursos de entrevistas semi-roteirizadas, tanto no formato individual quanto em grupo. Todas elas foram realizadas presencialmente, em quatro etapas: março de 2014², agosto de 2015, outubro de 2015 e maio de 2017. Esse movimento em etapas circulares impresso à coleta, ao tratamento e à interpretação dos dados colaborou imensamente para a compreensão de uma realidade nova e complexa, avessa a qualquer tentativa de criar narrativas lineares (GODOI; MATTOS, 2010; STAKE, 2005).

A preocupação de compor diversificado mosaico de visões sobre as questões tratadas e conseguir extrair dos dados convergências e divergências, contradições e tensões são fatores que compõem a triangulação de dados (STAKE, 2005;2016). Os entrevistados foram selecionados entre representantes dos corpos discente e docente, técnicos-educacionais e gestores universitários da Unila. Na formação dos grupos, levou-se em conta a priorização de pessoas de diferentes gêneros, idades, nacionalidades, cursos, semestres, institutos, setores da administração universitária, além de se considerar a quantidade de tempo de frequência na universidade e de moradia na cidade. Os espaços físicos intensamente utilizados pela comunidade acadêmica da Unila – Novo *Campus* da Unila; Unila Centro; Alojamento estudantil; Parque Tecnológico Itaipu; Jardim Universitário e Moradia 1 – compõem a unidade de estudo da pesquisa de campo.

No conjunto, a pesquisa de campo envolveu 65 pessoas (31estudantes, 26 professores e oito técnicos-educacionais) distribuídas entre 11 nacionalidades (angolana, argentina, brasileira, chilena, colombiana, equatoriana, paraguaia, peruana, salvadorenha, uruguaia e venezuelana). Entre os professores e técnicos, 17 possuíam experiência em gestão universitária. Ao todo, foram 45 entrevistas individuais e três em grupo, totalizando-se 60 horas de gravação de áudio e 598 páginas transcritas.

O respeito ao anonimato, acordado com os entrevistados, levou à codificação de cada um deles. Para tanto, procedeu-se da seguinte maneira: i) a numeração refere-se à sequência gerada automaticamente pelo programa de apoio de análise qualitativa, que auxiliou na interpretação

dos dados; ii) os segmentos internos estão discriminados como: “e” = estudante; “p” = professor; “t” = técnico-educacional; iii) a nacionalidade: “i” = internacional; “b” = brasileiro; c) experiência com gestão: “g”. Por exemplo: o código “32:3ei” corresponde a um estudante internacional, enquanto o código “26:102pb-g” refere-se a um professor brasileiro com experiência em gestão.

No tratamento dos dados se adotou o enfoque misto (*mixed approach*). A interpretação está baseada na literatura consultada (dedutiva) e nos dados da pesquisa de campo (indutiva) (TELLO-ROZAS; POZZEBON; MAILHOT, 2015). Esse procedimento contribui para *insights* derivados do exercício interpretativo dos dados (GASKELL, 2008; GODOI; MATTOS, 2010). Os dados foram tratados com auxílio do programa Altas/ti. Levou-se em conta o período compreendido entre 2010 e 2017 como referência cronológica para o agrupamento dos dados.

A codificação e a categorização foram orientadas pelos protocolos da *grounded theory* como *grounded inquiry* (processo de pesquisa). Não houve o intuito de utilizar a *grounded theory* como produto final (construção de novas teorias) (OLIVEIRA, 2016; PINTO; SANTOS, 2012). A *grounded inquiry* foi associada à técnica da comparação constante de incidente-incidente (indução \leftrightarrow dedução \leftrightarrow verificação), o que colaborou para identificar, discriminar e mapear categorias conceituais relevantes (BANDEIRA-DE-MELLO; CUNHA, 2010). Critérios de autenticidade e plausibilidade (POZZEBON; PETRINI, 2013) foram utilizados com intenção de imprimir rigor científico à pesquisa de campo. A autenticidade decorre da eliminação de limitações na interpretação dos dados, devido à não imersão do pesquisador no campo por um longo período de tempo. A plausibilidade, por sua vez, ocorre quando o resultado da pesquisa faz sentido para os envolvidos.

4. Resultados e discussão

4.1 Os espaços físicos da Unila

Dois anos antes de ser fundada (2008), a Unila recebe um terreno doado pela Itaipu Binacional para construir seu *campus*. No mesmo ano, é presenteada pela mesma empresa com um caderno arquitetônico que reúne os desenhos conceituais do referido *campus*, assinado por Oscar Niemeyer. O projeto foi aprovado pela Comissão de Implantação da Unila (CI-Unila) e pelo Ministério da Educação (MEC). Mas, apesar de celebrar seu nono ano de existência em 2019, a Universidade continua sem instalações próprias, fazendo uso de espaços físicos provisórios, exceção da Moradia 1. Assim, a cada etapa de sua expansão, devido à criação de novos cursos, elevação da oferta de vagas, e aumento da população docente e discente, seus dirigentes alugam imóveis que atendam às necessidades mínimas de funcionamento da universidade.

Desde 2016, as atividades acadêmicas e administrativas da Unila estão concentradas em quatro³ espaços físicos: o Parque Tecnológico Itaipu (PTI), o Jardim Universitário (JU), o Edifício Rio Almada, e a Unidade Administrativa Vila A (UNILA, 2019). Embora algumas aulas sejam ministradas no Edifício Rio Almada, a maior parte das atividades de ensino, pesquisa e extensão, bem como as coordenações pedagógicas e administrativas, estão concentradas entre o PTI e o JU. Na Unidade Administrativa Vila A funcionam as atividades administrativas, financeiras e políticas da universidade. Todos esses espaços são autodenominados de ‘unidades’, tanto no sítio da instituição, quanto entre os entrevistados, salvo raras exceções em que o PTI e o JU são nomeados de *campus*. O novo *Campus* da Unila, cuja construção foi interrompida, corresponde ao único espaço em que há unanimidade quanto ao *status* de *campus* universitário.

Reafirma-se que *campus* universitário é um território com limites definidos, com padrões que favorecem às atividades de ensino e de pesquisa e, em especial, é necessário que possua

independência no estabelecimento de limites, normas, regras e padrões de conduta no interior de seu espaço físico (PINTO; BUFFA, 2009). Contudo, tanto o PTI, quanto o JU não possuem essa autonomia dentro do território. O primeiro pelo fato de estar inserido em um território de segurança nacional (na área da Itaipu Binacional), submetido à utilização de regras rígidas, exigência de permissão para ingresso, exigência de um documento com foto e geração de um cadastro. O segundo, pelo fato de ocupar as instalações de uma instituição privada, submete-se a um contrato, o que dificulta a realização de investimentos uma vez que eles não seriam ressarcidos em uma futura desocupação. Sobre isso um entrevistado se manifesta afirmando “*acho que dificulta muito o fato de não estarmos no nosso lugar, muitas coisas não podem ser feitas porque não é nosso espaço*” (27:114tb-g).

Os alojamentos estudantis funcionavam em edifícios alugados, destinados ao acolhimento de estudantes forâneos, tanto nacionais quanto internacionais. Juntamente com a Unila Centro, localizavam-se em regiões mais próximas do centro urbano, por conseguinte, foram a porta inicial de contato entre os estudantes da universidade e a população local. Na sequência o texto discutirá como tem ocorrido a integração dessa instituição com a cidade de Foz do Iguaçu.

4.2 A integração territorial e social da UNILA na cidade de Foz do Iguaçu

A integração entre a Unila e a cidade de Foz do Iguaçu não tem sido tão tranquila quanto seus idealizados esperavam. Em virtude da complexidade do processo de integração, há diversas maneiras de compreendê-lo, com base nos dados coletados em momentos distintos (2014, 2015 e 2017) foi possível mapear, com alguma segurança, as inserções territorial e social da Universidade.

Inicialmente, os temas que ganharam particular importância foram identificados e agrupados em três ordens. Os temas de primeira ordem se referem às compreensões que os segmentos internos compartilham entre si sobre as integrações territorial e social da Unila, considerando a cidade de Foz do Iguaçu. Os extratos de textos correspondem às narrativas dos entrevistados. Os temas de segunda ordem se referem às categorias de interpretação produzidas a partir do enfoque misto (*mixed approach*), considerando os dados empíricos advindos dos temas de primeira ordem. Foram mapeadas oito categorias: Novo *Campus*, Fundação da Universidade; Unila Centro e Alojamentos Estudantis; Parque Tecnológico Itaipu, Jardim Universitário, Moradia 1, Projetos de extensão universitária e Oferecimento do curso de Medicina. Essas categorias qualificam as dinâmicas centrais (temas de terceira ordem) acerca da relação entre a Unila e Foz do Iguaçu.

Quanto aos temas de *terceira ordem*, com base na metodologia proposta por Gioia, Corley e Hamilton (2012), foram identificadas três dinâmicas centrais que retratam a forma pela qual a Unila se constitui em relação à cidade, sendo elas: estranhamentos no território; construção identitária e relações de pertencimento. Entende-se por dinâmica algo que está em movimento, que em virtude de forças internas e/ou externas tende a sofrer modificações no tempo. Desta forma, a dinâmica é um recorte panorâmico e só faz sentido para o período em que ocorreu a pesquisa de campo. Na sequência, os achados serão particularizados a partir da Figura 1.

Figura 1. A inserção territorial e social da UNILA na cidade de Foz do Iguaçu – 2010 a 2017

Temas de primeira ordem	Temas de segunda ordem	Temas de terceira ordem - dinâmicas centrais
<i>O campus</i> chega antes da gente aqui, o prédio do Niemeyer (37:163pb); [algo] que deixasse a marca Niemeyer, mais um atrativo turístico – cartão postal (44:22tb-g); um aulário, um prédio só de aulas, a ideia é fantástica (27:79tb-g); você fala de uma universidade que não tem sua sede própria (28:51eb); <i>eso nos daría mayor autonomía con relación a Itaipu</i> (14:26ei)	Novo Campus	
[a UNILA] cai de paraquedas em Foz do Iguaçu (21:192tb); não foi feita pra Foz de Iguaçu, foi feita para América Latina (19:151pi-g); a mídia não trata da mesma maneira aluno da nossa universidade, cria antipatia e preconceito (16:17pb-g); UNILA não cria a xenofobia, agudiza porque traz os corpos, as pessoas (37:169pb); cidade turística, [mas] xenofóbica com estrangeiros da América Latina (25:198eb)	Fundação da Universidade	Estranhamentos no Território
UNILA Centro foi o primeiro encontro [da universidade] com a cidade de Foz do Iguaçu (18:96pb-g); era muito mais acessível, próximo do centro urbano (26:70pb-g); era o pessoal de humanas, criou imagem pior dos estudantes (25:64eb); padrão de turista, maioria europeus, traz um padrão estético (41:21tb); estudantes ficavam na moradia estudantil e alojamentos que locávamos (40:5tb-g); alunos sediados juntos (38:81pb); gerou muitos problemas com a cidade, festa e barulho (18:136pb-g)	UNILA Centro e Alojamentos Estudantis	
[PTI tem] instalações muito boas (16:50pb-g); área de segurança nacional (26:100pb-g); jeito de abordar militarizado (27:115tb-g); restringe [o acesso] a comunidade (19:156pi-g); PTI reprime iniciativas, mobilizações estudantis (35:125ei); [acolhe cursos e] pessoal de exatas (25:209eb); nos chamavam de capivaras (30:72pb); UNILA é espécie de anexo da Itaipu (16:61pb-g); sempre exercerá uma interferência sobre nós (18:215pb-g)	Parque Tecnológico Itaipu – PTI	
[O JU] se aproxima de uma universidade pública federal (15:53pb); imagem que eu tinha de universidade federal (25:208eb); estudante entra, a comunidade entra, não precisa pedir licença (27:115tb-g); espaço mais livre em termos acadêmicos que a UNILA tem (35:137ei); perto de uma região – Cidade Nova, Vila C (37:158pb); próximo da sociedade (16:51pb-g)	Jardim Universitário – JU	Construção Identitária
[Na cidade há] praças e parques [sem] qualidade e com estigma da violência (37:105pb); Moradia 1 tinha um espaço verde, [os estudantes] se programavam, faziam atividades culturais (23:36tb-g); centro para vários movimentos estudantis (3:63eb); alunos montavam [atividades], academia improvisada, zumba, danças e de graça (3:63eb); único prédio que a universidade tem, não temos espaço (32:104pb); espaço que consegue conviver na diversidade, que é rico (23:38 tb-g)	Moradia 1	
Inserção [da universidade, por meio de ações] dos alunos e professores da UNILA, em vários locais de Foz do Iguaçu (39:18tb); relação para fora da universidade (44:90tb-g); visibilidade fora (45:10pb-g); se capilariza na cidade (15:97pb); canal de debate entre as políticas públicas (47:93pb-g); festivais culturais de país específico: Paraguai, Peru, Bolívia (29:6pb); [trabalhar com] movimentos sociais, professores, políticos, paraguaios... (15:90pb)	Projetos de Extensão Universitária	Relações de Pertencimento
Aqui na UNILA foi o primeiro. Isso mudou bastante (26:96pb-g); reivindicação local (34:64pb); atende uma bandeira de Foz do Iguaçu (39:79tb); traz pontos positivos para a UNILA (29:104pb); aluno de um colégio [de Foz do Iguaçu] foi o primeiro colocado em medicina - colocado em cartazes (19:80pi-g)	Oferecimento do Curso de Medicina	

Fonte: Elaborada pelos autores, 2019.

Os conceitos de lugar e de território fundamentaram a interpretação do material resultante das pesquisas documental e de campo, levando em conta as dinâmicas centrais *Estranhamentos no Território*, *Construção Identitária* e *Relações de Pertencimento* e considerando as relações que aproximam ou distanciam universidade e cidade.

A dinâmica *Estranhamentos no Território* traz à tona divergentes intencionalidades dos grupos, classe sociais e sujeitos materializados no espaço (LEFEBVRE, 2013). Esse conflito de intencionalidades foi demarcado por dois aspectos. Enquanto o primeiro corresponde ao fenômeno midiático local, determinado a destacar o que era considerado negativo na Unila, o segundo se refere à ênfase dada pela universidade a uma agenda latino-americana, desconsiderando expectativas e necessidades da população iguaçuense.

Os grupos que a mídia local estrategicamente representava, principalmente os grupos de universidades privadas, entrou em embate direto com os estudantes da Unila, indivíduos destoantes da paisagem humana local e, por isso, facilmente visíveis no cenário urbano. Eram eles o elo mais frágil entre a cidade e a universidade, foram eles quem mais sofreu a rejeição dos habitantes locais. A construção de uma imagem negativa dos estudantes tem origem no perfil étnico, cultural e socioeconômico de grande parte deles, especialmente os não-brasileiros. Eles foram, mesmo em uma cidade particularmente miscigenada e que se define como cosmopolita, submetidos a uma visão provinciana, conservadora e preconceituosa. O desconforto da cidade, desde 2010 até pouco tempo, era, constantemente, agravado pelo crescente número de estudantes que chegavam a cada semestre e eram favorecidos com o programa de auxílio estudantil destinado a subsidiar gastos com moradia, alimentação e transporte. A combinação entre o “choque físico” e a quebra de parte dos “códigos de conduta”, crenças e costumes convencionados na cidade comprometeram a relação entre a Cidade e a Universidade, principalmente em seus primeiros anos (2010-2013).

Resultados da pesquisa conduzida por Chibiaqui (2016, p. 33) apontam que a convivência entre grupos humanos muito diferentes, em um mesmo local, tanto pode proporcionar “convívio harmônico”, quanto desencadear conflitos; tanto pode promover adaptação ao novo ambiente, quanto desencadear constrangimentos decorrentes dos estranhamentos “gerados pela rotulação instintiva que cada pessoa atribui ao ter contato com o outro”. A instalação da Unila em Foz do Iguaçu gerou estranhamentos expressos na rotulação que sintetiza a ideia de que “*unileiro é vagabundo, é maconheiro*” (25:184eb).

A dinâmica central *construção identitária* evidencia que a influência e a participação dos moradores da cidade não ocorrem de forma linear sobre a comunidade acadêmica da Unila. Há alterações, inclusive, decorrentes do uso dos espaços acadêmicos (PTI e JU) e dos espaços de convivência (Moradia 1). Cada um desses espaços físicos possui singularidades e condicionantes na formação identitária institucional da Universidade e diferentes contextos de interação com a população cidadina, mencionado nos tópicos anteriores. Contudo, os usos, sociabilidades e vivências que ocorrem nesses espaços no decorrer do tempo faz com que a população universitária se reconhecesse e, assim, passasse a identifica-los como seus lugares. Tal conceito se associa ao que Santos (1994) define por lugar, aquele que se forma pela ocorrência de atividades desenvolvidas socialmente, cotidianamente, em um território em que as ações se manifestam.

Por um lado, os dois primeiros espaços utilizados pela Unila, o PTI e o JU, tornaram-se lugares, mas com restrições e limitações de uso devido ao fato de não pertencerem definitivamente à universidade. O PTI, por estar localizado em uma área de segurança nacional, regula e restringe o seu uso. Conforme já mencionado em tópico específico, as características a ele inerentes inibem as autonomias administrativa e pedagógica da Universidade, bem como a atuação de movimentos estudantis.

Por outro lado, a Moradia 1, espaço próprio da universidade, desativado desde 2015 para reformas, tornou-se um lugar e uma referência estudantil na época em que foi utilizado. Foi nele que muitos compartilhamentos e vivências aconteceram. Enfim, são em lugares assim que

a construção identitária da universidade se desenvolve de forma sinuosa, com idas e vindas, mas com avanços na medida em que a Instituição se alinha aos interesses da cidade.

O PTI e o JU se enquadram na definição de Pinto e Buffa (2009), embora não sejam reconhecidos pela comunidade universitária como *campus*. Os autores definem *campus* como a demarcação territorial e fechada do espaço, com o estabelecimento de limites, normas, regras e padrões para sua utilização, com administração independente e espaços privilegiados para a realização do ensino, da aprendizagem e da pesquisa. Ambos estão afastados do centro urbano da cidade e não são autossuficientes, contudo o JU está mais próximo de bairros populares, oferece acesso livre aos usuários, o que, de certa forma, minimiza as segregações externa, física e social em relação à cidade.

Por fim, a dinâmica das *relações de pertencimento* é desencadeada por diferentes frentes de inserções territoriais e sociais da Unila, na cidade de Foz do Iguaçu. Elas se ramificam nos diferentes espaços territoriais da cidade. Considerando que, no âmbito da geografia humanista, o reconhecimento do território perpassa pelas identidades compartilhadas e pelas relações de pertencimento (SANTOS, 1994), inicia-se uma nova fase, em que a Unila e a cidade de Foz do Iguaçu se compreendem e constroem relações mútuas de pertencimento. Essa mudança ora apontada, não exclui a existência de problemas e conflitos entre a Universidade e a Cidade, mas revela que há uma construção recíproca de pertencimento entre elas e que ambas tendem a se beneficiar dessa relação.

5. Considerações finais

A Unila foi criada com prerrogativas próprias a partir de interesses explicitados pelo governo federal. Inicialmente se revelou alheia às expectativas e necessidades da população de Foz do Iguaçu uma vez que se orientou pela missão latino-americana que justificou a sua criação. O estranhamento das partes teve suas consequências. De um lado, desencadeou processos que transitaram da negação à rejeição da comunidade acadêmica, principalmente estudantes e mormente os internacionais, pela população local. De outro, a grandiosidade do projeto de criação do campus universitário assinado por Niemeyer não contribuiu para melhorar o relacionamento entre a Unila e a cidade.

No período abrangido pela pesquisa, os espaços físicos utilizados pela universidade eram fragmentados e as instalações eram provisórias, dois aspectos que incidiram sobre a credibilidade da Unila. Para os entrevistados, a fragmentação e a provisoriedade não remetem apenas a questões materiais, mas ao sentimento de não reconhecimento desses espaços como território universitário da Instituição. Entre estudantes, técnicos-educacionais e docentes, se impõe as ausências de pertencimento e de lugar, o que explica o motivo pelo qual não denominam os espaços em discussão como Unila, chamando-os de “unidade” do PTI e de JU, embora eles tenham características típicas de *campus* universitário.

A cada novo espaço físico que a Unila usava para desenvolver suas atividades administrativas e acadêmica-pedagógicas, gerava também novas formas de interação com a cidade e isso se refletia na construção identitária da Instituição. Em um primeiro momento, o PTI talvez tenha sido o espaço menos afeito ao que se espera de uma universidade pública, um entrevistado se refere ao seu caráter antidemocrático, ao seu distanciamento do centro de Foz do Iguaçu e aos protocolos de acesso destoando dos propósitos de integração almejados pela Unila. Em um segundo momento, a localização central dos espaços descritos na categoria Unila Centro e Alojamentos Estudantis encurtou a distância física dos edifícios da universidade, mas não foi suficiente para quebrar as barreiras simbólicas existentes da segregação social entre universidade e cidade. No processo temporal de uso simultâneo do PTI e da Unila Centro, há a Moradia 1, espaço físico relevante na constituição de relações no interior da Unila,

principalmente nas construções identitária estudantil e de lugar (pertencimento), embora tal local não desenvolva explícita relação com a cidade.

Entretanto, resultados da pesquisa sinalizam alguma apropriação “cultural-simbólica” (LEFEBVRE, 2013) do espaço físico do JU pela comunidade acadêmica. Tem representado uma transfiguração na construção identitária da UNILA e na sua integração com a cidade, assim como na constituição de relações de pertencimento entre a universidade e os cidadãos. Apesar das suas limitações, por ser um espaço provisório (alugado), ele não possui barreiras de acesso físicas ou simbólicas. Não há portaria e sua localização é próxima a alguns bairros, isso permite que a comunidade acadêmica, particularmente os estudantes, disponha de espaços variados de convivência.

Vários fatores contribuíram para aproximar a Universidade da Cidade: o espaço do JU, a multiplicação dos projetos de extensão, a oferta do curso de medicina. Inaugura-se o início de uma relação virtuosa entre a Unila e a cidade de Foz do Iguaçu, tanto os acadêmicos quanto os demais moradores da cidade passam a construir relações mútuas de pertencimento.

Ao mesmo tempo em que se nota esse processo de integração da universidade no território da cidade, percebe-se que há um distanciamento do alcance da missão de integração latino-americana proposta na fundação da instituição. Essas constatações são evidenciadas pelo fato de que as ações de extensão, dos projetos de extensão, estarem concentradas no território de Foz do Iguaçu, tendo pouca atuação em outras cidades da região, particularmente aquelas localizadas na fronteira (*Ciudad del Este* e *Puerto Iguazú*). Ademais, a expansão de novos cursos de graduação da instituição, no ano de 2014, mesmo sendo uma exigência do MEC, acaba não priorizando demandas de cursos comuns para atender a América Latina. Esse atendimento se direciona para cursos voltados para demandas nacionais e de Foz do Iguaçu.

Constata-se que há dois pontos chave de incoerências no propósito de integração que permeia os pilares da UNILA, a partir de sua presença no território de Foz do Iguaçu. O primeiro se refere à imponente e à austeridade da universidade, em sua relação com a cidade, à época de sua fundação. Fortes indícios sobre essa questão são o projeto de *campus* projetado por Oscar Niemeyer⁴, e o fato do direcionamento da integração estar focada na América Latina, desprestigiando o território da cidade. O segundo ponto se refere à aproximação entre a universidade e a cidade por meio da construção de relações mútuas de pertencimento junto aos cidadãos, que, por sinal, ocorre de forma simultânea com o distanciamento da missão fundadora da instituição.

Percebe-se que, na Unila, a integração local (na cidade) não é compatível com a integração regional (latino-americana). Nesse sentido, problematizam-se as seguintes questões para pesquisas futuras: até que ponto o equilíbrio entre essas duas frentes de integração pode ser harmonizado? Em que medida o não equilíbrio pode comprometer a concretização do projeto fundador da UNILA? Como a instituição ainda não está instalada em um *campus* universitário próprio, respostas a esse equilíbrio apresentam um grau de complexidade a mais, uma vez que os problemas de espaços físicos interferem diretamente na construção identitária e na consolidação nos pilares de fundação da instituição.

Por fim, para efetivar sua consolidação de missão no tempo e no espaço, talvez os gestores e a comunidade da Unila precisem se inspirar em Mahler (2015, p. 291), quando afirma que “as universidades precisam ser pensadas e concebidas de modo menos monumental e mais compacto e, portanto, com melhor desempenho operacional, [...] e os encontros casuais e o imprevisto jogo da urbanidade alimentam o espaço, tornam a universidade mais atraente, ao invés de revestida de formalidade e austeridade”.

Referências

ALEXANDRE, S. D. P. **A inclusão da diversidade no ensino superior: um estudo da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA) na perspectiva das epistemologias contra-hegemônicas.** 2015. 227 f. (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho, UNINOVE, São Paulo.

BANDEIRA-DE-MELLO, R.; CUNHA, C. J. C. D. A. Grounded theory. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R., *et al* (Ed.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos.** 2. São Paulo: Saraiva, 2010. p.241-266.

BUFFA, E.; PINTO, G. D. A. O território da universidade brasileira: o modelo de câmpus. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 67, 2016.

CHIBIAQUI, E. D. P. **A vida em comum em sociedades multiculturais: análise das relações sociais e da adaptação dos alunos da UNILA em Foz do Iguaçu - PR.** 2016. 165 f. (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Sociedade, Cultura e Fronteiras, Unioeste, Foz do Iguaçu.

CONTE, C. H. O turismo de Foz do Iguaçu (Paraná, Brasil) e sua inserção dentro da rede internacional de cidades. **Turismo e Sociedade**, v. 6, n. 2, p. 408-423, 2013.

COSTA, A. A. O Campus da Universidade de Aveiro: Uma experiência de processo e traçado. In: COSTA, A. A.; FIGUEIRA, J., *et al* (Ed.). **Cidadesofia: cidades universitárias em debate.** Coimbra: eIdIarq, 2003. p.196-213.

FRAGO, A. V. Del espacio escolar y la escuela como lugar: propuestas y cuestiones. **Historia de la educación: Revista interuniversitaria**, v. XII-XIII, n. 12/13, p. 17-74, 1993-94.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W. e GEORGE, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, v.7.ed., 2008. p.64-89.

GIOIA, D. A.; CORLEY, K. G.; HAMILTON, A. L. Seeking qualitative rigor in inductive research: Notes on the Gioia methodology. **Organizational research methods**, v. 16, n. 1, p. 15-31, 2012.

GODOI, C. K.; MATTOS, P. L. C. L. D. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento diálogo. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R., *et al* (Ed.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos.** 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2010. p.301-323.

GODOI, F. R. D. S. **Territórios universitários: o Campus em Pirassununga.** 2017. 199 f. (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e

Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos.

LEFEBVRE, H. Prefácio: a produção do espaço. **Estudos Avançados**, v. 27, n. 79, p. 123-132, 2013.

MAHLER, C. R. **Territórios universitários: tempos, espaços, formas**. 2015. 304 f. (Tese em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília.

MENEZES, W. Mercado Comum do Sul (Mercosul) In: MERCADANTE, A. D. A.; CELLI-JUNIOR, U., *et al* (Ed.). **Blocos econômicos e integração na América Latina, África e Ásia**. Curitiba: Juruá, 2008. p.137-159.

MOASSAB, A. Campus universitário: uma reflexão para o século XXI a partir do estudo de caso da instalação da Universidade de Cabo Verde. **Palíndromo**, v. 5, n. 5, p. 195-222, 2011.

OLIVEIRA, P. C. D. **Teoria substantiva dos fatores que influenciam a utilização do AVA na gestão da educação a distância em uma Universidade Pública**. 2016. 398 f. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina,

PINTO, G. D. A. P.; BUFFA, E. **Arquitetura e educação: câmpus universitários brasileiros**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

PINTO, M. D. R.; SANTOS, L. L. D. S. A grounded theory como abordagem metodológica: relatos de uma experiência de campo. **Organizações & Sociedade**, v. 19, n. 62, 2012.

POZZEBON, M.; PETRINI, M. D. C. Critérios para condução e avaliação de pesquisas qualitativas de natureza crítico interpretativa. In: TAKAHASHI, A. R. W. (Ed.). **Pesquisa qualitativa em administração: fundamentos, métodos e usos no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2013. p.51-72.

SANTOS, B. D. S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 9.ed. Coimbra: Almedina, 2013.

SANTOS, M. **Território, Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Huncitec, 1994.

STAKE, R. E. Qualitative Case Studies. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Ed.). **The Sage handbook of qualitative research**. 3. California: Sage Publications, 2005. p.443-466.

_____. **A arte da investigação com estudos de caso**. 4.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2016.

TELLO-ROZAS, S.; POZZEBON, M.; MAILHOT, C. Uncovering Micro-Practices and Pathways of Engagement That Scale Up Social-Driven Collaborations: A Practice View of Power. **Journal of Management Studies**, v. 52, n. 8, p. 1064-1096, 2015.

UNILA. Estatuto da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Publicado no Diário Oficial da União, Brasília, através da Portaria Nº 32, de 11/04/2012. 2012. Disponível em: <

<http://unila.edu.br/sites/default/files/files/Assistencia%20Estudantil/ESTATUTO%20UNILA%20de%2026%20DE%2009.pdf> >. Acesso em: 16 ago. 2018.

_____. Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI da Unila relativo ao quinquênio 2013-2017. 2013. Disponível em: <

<http://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/PDI%20UNILA%202013-2017.pdf> >. Acesso em: 22 jan. 2017.

_____. Unidades da UNILA. 2019. Disponível em: < www.unila.edu.br/unidades-da-unila >. Acesso em: 10 Jan. 2019.

¹ O Parque Tecnológico Itaipu (PTI) foi criado em 2003 pela Itaipu como foco de expansão da Binacional. Ele serve como braço direito no desenvolvimento de pesquisas e desenvolvimento de tecnologias sustentáveis. O PTI promove a união entre empresas, centros de pesquisa, laboratórios e instituições de ensino (Fonte: www.pti.org.br/pt-br/sobre-o-pti).

² Quatro entrevistas do estudo de Alexandre (2015) foram incorporadas a interpretação de dados dessa pesquisa. Essas foram escolhidas pelo critério de relevância e significância. Tais entrevistas estão publicadas.

³ A Moradia 1 não foi incluída, pois desde 2016 até o término deste trabalho estava desativada para reconstrução e ampliação.

⁴ Esse fato demonstra que não houve superação do costume em voga quando do surgimento das primeiras universidades, em que a instalação das instituições eram “em prédios imponentes, às vezes majestosos” (PINTO; BUFFA, 2009, p. 13).